

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Pontos nos ii SALUS POPULI

A questão da Saúde Pública é o problema fundamental da nossa terra.

Meia e meia volta, num instante de mais penetrante concentração de espírito, a atenção leva-nos a chamar à realidade este assunto, olhado que seja o «entêro» que passe, a montureira das ruas, o aspecto sombrio das habitações e o próprio ar doentio de quem caminha ombro a ombro a nosso lado. Já em 1923, um distinto médico que o acaso trouxera a Guimarães, se resolveu escrever uma série de artigos num dos jornais que então se publicavam, e pelos quais lamentava que a saúde do povo fosse tão posta à margem pelos municípios, e, muito especialmente em Guimarães, terra de grandes dificuldades a vencer e de precárias condições salutaras, num desassombro devéras causticante para a edilidade de então.

Citava S. Ex.ª a enorme propensão deste recanto para o grassar de qualquer peste, e alargava-se em austeros conselhos quando verificou o nosso viver caseiro e focou o aspecto doentio dos vimaranenses.

Dizia voluntariosamente e com uma autoridade indiscutível, que a não ser encarado a sério o problema da higiene, muito erradamente andariam as edilidades que assentassem arraiais no Município.

Decorridos 11 anos, verificamos que o mesmo abandono continúa, menosprezada a vida dos habitantes desta terra — meio industrial de grande valia —, desdenho que marca uma ignorância absoluta sobre as coisas públicas ao constatar-se que algumas nobres tentativas se fizeram por parte do último e actual sub-delegados de saúde.

Não bastam o embelezamento citadino, a jardinagem e a pintura exterior das casas; não bastam os monumentos com seu ar antigo e suas pedras denegridas, nem as modernas construções a erguerem-se com a altivez de palácios sumptuosos e de maravilha. Urge, e isto é a obra que se impõe, se obriga e se imputa inadiável, e não permite mais delongas o saneamento citadino que é considerado a base de toda a higiene duma terra populosa como a nossa. E mercê das condições magníficas em que a cidade se encontra, há vantagem em não descurar esta grande obra, este magno problema — o melhoramento mais honroso para a vereação que o fizesse e o ordenasse.

De bonitos está o mundo cheio, e procurar *épater le bourgeois* com *bric-à-brac*, é iludir a miséria da falta de ar, de luz e de limpeza.

Há bairros onde se não entra senão com certa comoção — tão espessos de escuridão e tão atulhados de lixo, que dói saber-se que existências humanas ali vivem em pocilgas, relegadas todas e quaisquer condições de vida.

Há pontos da cidade onde o cheiro nauzeabundo irrita a pituitária, conhecidos os deficientes esgotos, que quasi encharcam, e as mal adubadas latrinas que trazem à suspensão da água as dejectões de toda a espécie.

Finalmente, observa-se uma falta de limpêsa de estarrecer, que, se não obriga ao uso de máscara anti-gaz, pelo menos enche de micróbios os lares mais limpos, ali levados pela praga das moscas, mosquitos e ratos.

Assim, visto o assunto na generalidade, leva-nos a usar da máxima insistência para que não demore por mais tempo uma acção decisiva em prol da higiene, marcada com inteligência a progressividade administrativa das vereações vimaranenses e radicalmente transformado o modo de viver da população da cidade de Guimarães.

E' triste confessá-lo: mas nesta terra falta tudo, ainda as coisas mais insignificantes.

Há dias, em conversa tida com o digníssimo Director da Escola Industrial, sr. António d'Azevedo, ouvimo-lo exemplificar a diferença existente entre este nosso amargurado viver e o viver dos povos estrangeiros. Dizia-nos sua ex.ª que, muito se admirava da falta de aquecimento nos prédios, o que torna o viver insuportável, e pasmava de saber da existência de médicos que reprovam este indispensável melhoramento para uma terra de variações de temperaturas tão bruscas como a da nossa, ao consignar a necessidade de calor para eficaz resistência física dum corpo à face do frio deste inverno rigoroso.

Mas há mais: o ilustre escritor vimaranense, sr. Dr. Eduardo d'Almeida, sem dúvida a maior mentalidade de Guimarães, de há muito que se vem insurgindo contra a nenhuma solução dada ao problema da higiene.

Clama sua excelência contra este pavor que atormenta, e nega o tino administrativo a quem não sabe encarar de frente esta tão inadiável questão, sabido que se sofre dum mal endémico que prejudica, inutilisa e mata centenas de vidas por ano.

Em breves horas finalizará o calendário de 1934. Corrido o velho ano que deixou esvaziar a ampulheta do tempo, um pimpolho rochunchudo marcará uma nova *étape* na vida dos homens, dando uma reviravolta à ampulheta abandonada...

Contar-se-ão novos dias e novos meses...

A vida prosseguirá o seu andaço, pesadona e aborrida...
¿Acontecerá que idêntico abandono e desleixo supra as aspirações mais nobres dos vimaranenses, consentindo no viver inundo em que actualmente se debatem?

¿Verificar-se-á o desdém pela «Higiene» tão necessitada nesta terra de viver mal sofrido, da parte de quem manda?

¿Continuaremos a ser as vítimas do lixo e da porcaria?
Por Guimarães e por Guimarães!

Anibal de Moraes

Quasi repentinamente, faleceu, na madrugada de quarta feira, o sr. Anibal de Moraes, «homem que demorou o seu país todo o seu sangue, todos os seus nervos, toda a sua energia, toda a sua inteligência — toda a sua vida».

Anibal de Moraes, figura insinuante e querida por todos aqueles que tiveram a felicidade de o conhecer, dirigia com invulgar competência o nosso prezado colega «Jornal de Notícias», do Porto, onde grangeou as maiores e mais merecidas simpatias e onde, já hoje, o seu nome é evocado com profunda saudade.

A notícia — a dolorosíssima notícia do passamento do brilhante jornalista — contristou toda a gente e, a nós, que poucas horas antes havíamos estado junto a si, no seu gabinete, no «Notícias», causou-nos a maior surpresa e a mais amarga impressão.

Anibal de Moraes morreu!
Vimos de assistir ao seu funeral que foi bem uma el-çiente manifestação de saúde.

O «Notícias de Guimarães», logo que teve conhecimento — pelo telefone — da triste ocorrência, endereçou à redacção do «Jornal de Notícias», um telegrama de condolências; e fez-se representar, pelo seu director, no funeral.

Espinhos e acúleos

I
Na doença sejas forte
Mesmo com muito sofrer;
Pois «quando o mal é de morte
O remédio é só morrer».

II
A pobreza que te honora
Não desejas que eu a note;
Sabe amor, se pobre fôra,
«Linda cara é meio dote».

III
Se para tudo és frecheiro
E o saber tem seu senão,
Quem te mandou sapateiro
Assim tocar rabeção?!

IV
Tens as mãos sempre tão frias
E o olhar tão indiferente,
Que «por amor» mentirias:
«Mãos frias... coração quente».

V
Em caminhar sê ligeiro
Que o lugar à vista assoma...
O rifão é verdadeiro:
«Quem tem boca vai a Roma».

VI
«Quando a esmola é muito grande
O pobre até desconfia».
¿Será do hábito ande que ande
De ver sempre a mão vazia?

VII
«No poupar se vê o ganho»
Sempre ouvi apregoar...
O avaro mostra arreganho
De morte, pr'a não gastar.

L. COELHO.

Esquema semanal

O INCIDENTE ITALO-ABISSÍNO

Os jornais italianos — jornais officiosos, bem entendido —, veem publicando artigos da convenção italo-etiope, para provar os direitos que à Itália assistem sobre a Etiópia, que os abissínicos dizem pertencer-lhes.

Discute-se o litígio com calor e um certo arreganho, e há já quem veja nesta questão de lana-caprina uma mecha para fazer voar mais umas toneladas de pólvora.

A ver vamos no que ficam os litigantes, acreditando, no entanto, que a S. D. N. resolverá o assunto a contento das partes, para a maior arrelia dos trastejadores de... carne humana.

PROF. GUSTAVO LANSON

Na pretérita semana faleceu em Paris o Prof. Gustavo Lanson, director honorário da Escola Normal Superior.

Como escritor e crítico deixa uma obra vasta. Interessou-se pela renovação dos interesses literários e consagrou valiosos trabalhos à análise do papel desempenhado nas letras pelos escrito-

O Natal dos nossos Pobres

Dar aos pobres é emprestar a Deus, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana. Contam-se já às dezenas — muitas dezenas! — as almas que se têm abeirado de nós, implorando, humilde e tristemente, para que não as esqueçamos na Ceia Santa do Natal de Jesus!

Nome	Valor
Francisco Larangeiro dos Reis	Transporte 390\$50
Manuel José da Costa Guimarães (Aveiro)	5\$00
Major António J. T. Miranda	2\$50
Operários das obras do Mercado (a)	32\$50
João da Mota	10\$00
L. L.	10\$00
Capitão José Guedes Gomes	10\$00
P. Gaspar Nunes	5\$00
Cândido José de Carvalho	1\$00
Anónimo	10\$00
C. T. P.	2\$50
Luís Gonzaga Leite	5\$00
Luís Ribeiro Loureiro	5\$00
Benjamim Pereira dos Santos	5\$00
João Formosinho Macias	50\$00
Alvaro da Silva Penafort	5\$00
Artur Fernandes de Freitas	5\$00
Tomaz Rocha dos Santos, Vice-Consul em Verim (dinheiro que nos enviou a mais para pagamento da sua assinatura)	8\$00
Mário de Sousa Menezes	5\$00
Anónimo	20\$00
Anónimo	20\$00
Jacinto da Silva Guimarães (em sufrágio da alma de sua mãe, para os pobres assistirem a uma missa)	20\$00
Joaquim da Silva Xavier	15\$00
D. F.	5\$00
Eduardo Santos	5\$00
Joaquim de Sousa Pinto	20\$00
Luís do Souto	5\$00
A. S. M.	5\$00
Abel Cardoso	10\$00
D. Livia Schindler Franco (Lisboa)	100\$00
Pedro da Silva Freitas	5\$00
Anónimo	10\$00
A. F. M.	5\$00
Dr. Manuel Ferreira da Costa (Coimbra)	5\$00
João Garcia de Almeida Guimarães	10\$00
Luís Carlos Pereira Guimarães	5\$00
Augusto Pinto Lisboa (Pevidém)	10\$00
R. R.	5\$00
A. S.	5\$00
A. de U.	5\$00
José da Silva Guimarães	10\$00
Alberto Gomes Alves	5\$00
V. A.	20\$00
Anónima	20\$00
Anónimo	5\$00
Francisco de Assis Pereira Dantas (S. Torcato)	5\$00
António de Sousa Lima	30\$00
Anónimo	2\$50
Anónimo	5\$00
Alberto Teixeira Carneiro	5\$00
José Jacinto Júnior	10\$00
Tenente José António de Matos Júnior	10\$00
Camisaria Martins	5\$00
Eduardo Lemos Mota	5\$00

(a) É digno de registo nestas columnas o gesto simpático dos operários que trabalham actualmente nas obras municipais do Novo Mercado, que, cotizando-se entre si, nos dirigiram a seguinte carta acompanhada da importância acima mencionada: — Os operários do Porto que trabalham na construção do novo Mercado de Guimarães enviam a V. ... a quantia abaixo mencionada para o Natal dos Pobresinhos. «Como V. ... vê, é pouco mas é de boa vontade».

Seguam-se os nomes dos operários que contribuíram. Magnífica lição de humanitarismo e de solidariedade, dada por humildes operários, que os nossos pobresinhos saberão agradecer. A carta foi-nos dirigida pelo mestre das obras sr. João Ribeiro Garcia.

NOTA — Hoje, às 10 horas distribuiremos aos pobres, na nossa redacção, por meio de senhas, os donativos que os nossos leitores nos confiaram e se destinam a minorar o Natal dos Pobresinhos.

res de segunda ordem. Além das edições críticas das «Cartas filosóficas» de voltaire, e das «Meditações» de Lamar-tine, publicou os «Princípios de composição e de estilo», «Conselhos sobre a arte de escrever», «História da literatura francesa», «Métodos de história literária» e volumes sobre a personalidade e as obras de Bonuet, Boileau, Corneille, etc.

Aos mestre insigne e ao crítico admirável, o preito da nossa homenagem de latinos.

O EX-DITADOR DE CUBA

O célebre General Machado que durante nove anos foi senhor absoluto de Cuba, ante um formulado pedido de prisão do Ministério dos Estrangeiros do seu país, desapareceu de Hamburgo com destino desconhecido.

Em tal conformidade, o ex-ditador sentiu rebates a morder-lhe a consciência e, por melhor que tivessem sido as suas intenções, julgou de conveniência não descurar a segurança da sua própria pessoa, não vá a justiça da sua terra ter os olhos vendados com apêrto e os pés da balança não terem sido aferidos.

E' bem certo: *põe as barbas de molho...*

CENA DEGRADANTE

Alguém chamou a nossa atenção para a perfeita miséria dum dito estropiado da guerra, de porta em porta, exibindo a sua farda e documentos abonatórios, passou pelas ruas da cidade a mendigar, contando a sua triste odisseia e negando

a existência de qualquer benefício do Estado.

¿Serão verídicas as razões apresentadas?

De facto, um soldado percorreu as ruas citadinas na pedinchice, com ar de mortificação e fome.

— Combatente da Grande Guerra?

Se assim acontece, que dizer desta cena tão pouco cívica e tão degradante!?

— O' morte, como eu te invejo!..

L.B.F.C.E.

Freire Pires

Fez ontem anos o nosso querido amigo e distinto camarada, sr. Freire Pires que nesta cidade, onde algum tempo tem permanecido, conta já hoje muitas simpatias e amizades, pelo seu talento e por tantos outros predicados de que é possuidor.

Rapaz alegre, franco e sincero, jornalista brilhante que faz da sua profissão um verdadeiro sacerdócio, é, é, também, um bom amigo e um camarada leal.

Faltariamos ao nosso dever se deixássemos passar no olvido o seu aniversário.

Por isso o abraçamos, muito sinceramente, desejando-lhe as maiores felicidades.

ESPUMANTE NATURALIS
«RAPOSEIRA»
Vinhos perfeitos, deliciosos e de reputação consagrada.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

so a que o duque mandou proceder pelas autoridades locais e que se encontra arquivado na Torre do Tombo, gaveta 11, maço 8 n.º 10, o pagem antes de se abrir a porta a que o duque batera, sentindo-se quasi apanhado, assomou a uma das janelas e avistando o vulto de Pero Vaz, disse-lhe: *Deixa-me sair pelo amor de Deus, não me mate o duque*, ao que êle replicou: *não saias por aqui, porque se saíres, matar-te-ei com esta chuiça*, e que Alcoforado muito aliado lançou pela janela fora a espada.

O pagem tendo sido desta forma surpreendido, sai do esconderijo e pede perdão ao duque da traição que lhe fizera e *mandasse fazer bem pela sua alma*, ao que o duque respondeu: *que se abraçasse com Deus que o corpo havia de padecer e que mais passava Nosso Senhor por nós outros*, e mandando chamar imediatamente o capelão, o rev. Lopo Garcia, ordena-lhe que confesse o delinquente, bem como a sua cúmplice.

Terminada a confissão do pagem, foi êste logo intimado, enquanto o mesmo elesiástico ouvia de confissão a inditosa duqueza D. Leonor de Gusmão.

O duque, mandando atar as mãos do António Alcoforado que pediu que lhe tapassem também o rosto, o que lhe foi feito com um bocado de lençol, ordenou ao negro Diogo, ajudante do batelão, mas conhecido pelo *sobreiro negro*, que o degolasse, o que êle cumpriu, matando-o com um machil ou cutelo, no mesmo aposento em que cometera o delito. Depois o duque, dirigindo-se à espôsa que já tinha sido confessada, assassinada por suas próprias mãos, com requintes de crueldade, descarregando-lhe cinco violentos golpes de espada sobre a cabeça e pescoço, de forma a deixá-la completamente morta, estendida no chão a pesar-de, lavada em pranto, ela declarou-se inocente, visto encontrar-se a ve-

lar pela filha e ignorar a presença do pagem na sua câmara.

D. Leonor apresentava entre as cinco feridas, duas muito grandes: uma por baixo do queixo (da barba diz o documento) que lhe cortava o pescoço todo e a outra por trás da cabeça que lhe cortava quasi tôda, que lhe apareciam os miolos. O Alcoforado tinha o pescoço *corto*. A duqueza vestia uma cota de veludo negro, lavrada de setim da mesma côr, com uns perfis de tafetá amarelo, um saínho de igual tecido e côr da cota e um cinta de setim vasso alconado. O pagem tinha um gibão de fustão prateado, com meias mangas, colar e pontas de veludo rôxo, calças vermelhas, burzeguins pretos, um saio e cinto de coiro preto com guarnições de prata.

D. Jaime tinha sido amamentado pela mãe do Alcoforado de quem ela fôra ama.

A janela por onde o pagem entrou — dizem — foi uma daquelas que hoje, no antigo Paço, se vêem entaipadas.

D. Jaime, em seguida àqueles assassínios, mandou chamar, sem mais delongas, a alcada judicial local, que prestes acorreu ao paço de Reguengo. Era um pouco ante-manhã quando ela ali chegou.

Pelos depoimentos apontados todos na íntegra no processo, fica o leitor persuadido da culpabilidade das duas vítimas. Se eu soubesse que me não tornava enfadonho, ainda os publicava todos, quanto mais que são relativamente poucos.

Em Vila Viçosa, a pesar-de decorridos mais de 4 séculos sobre o facto, correm várias versões que, atenuando, embora, a culpa da duqueza, não a isenta completamente dela.

Uma das versões diz que o duque brindara a espôsa com algumas lindas e preciosas jóias, de grande estima, e que a duqueza deu uma delas a uma criada, a quem era muito afeiçoada e que esta,

por seu turno, presenteara o pagem, seu galanteador, com ela, que a prendeu à magorra. Um dia, o duque vendo-a e reconhecendo-a, estranhou o facto e dirigiu-se à espôsa; esta garantiu-lhe que ainda possuía tôdas as jóias, mas recusou-se a mostrar-lhas, apresentando-lhas, o que — é claro — fêz nascer no duque suspeitas acerca da conduta da sua consorte.

Outra versão afirma que a dita jóia foi oferecida pela sua possuidora pessoalmente ao pagem, ao mesmo tempo que lhe oferecia uma entrevista nocturna, e, há, ainda, outra versão que diz que a entrevista se realizou não com a duqueza, mas com aquela dama acima afeerida.

D. Jaime esteve sempre convencido da culpabilidade da espôsa, pois até no testamento se refere ao facto da traição dela.

Assassinados os dois, foram enterrados depois de organizado o processo. O pagem, na idade de 17 anos, cujo cadáver foi entregue à família, que morava na antiga rua da Feira, da dita vila, sendo levado de noite, ocultamente, na tumba da Misericórdia, aí metido num modesto caixão, depositado sobre uma tarima forrada de preto e à 1 hora da noite acompanhado somente pela mãe, pelo irmão do falecido e por dois criados, à luz bruxoleante de uma lanterna de vara, numa triste desolação que metia dô.

Diz-se que foi inumado no convento dos Capuchos (franciscanos), subúrbios da vila.

Não é verdade, portanto, que o seu cadáver estivesse pendente a balouçar de uma corda junto do castelo, como afirma o autor do «Camilo Alcoforado», a fôlhas 12, salvo êrro, pois além do que já dissemos sobre o assunto, acresce a circunstância de D. Jaime morar não no

castelo, mas no seu paço que, uns 12 anos antes, mandara edificar, no seu antigo Reguengo.

A duqueza, embrulhada num pano preto, depois foi metida, como um fardo, num ataúde colocado por 4 homens sobre umas andas de uma mula, acompanhada, somente, porém, indo para a igreja do Convento de Montes Claros, onde esteve enterrada 78 anos, isto é, desde 1572 a 1390, ano em que o seu bisneto, o 7.º duque de Bragança, D. Teodósio II e a mãe dêste, D. Catarina, reabilitando-a das culpas atribuídas, mandaram trasladar-lhe os restos para o convento de N. S. da Esperança, de Vila Viçosa, fundado por uma outra duqueza e que desde essa época por diante ficou sendo o panteão das senhoras duquezas.

Afirma a tradição, naquela vila, que a referida mula em que foi colocado o cadáver da inditosa duqueza, D. Leonor, sem ninguém a guiar, se dirigiu, sozinho, para o convento onde ela foi sepultada, facto que é contestado por documentos autênticos.

De resto, tal facto não admira que se desse, visto o animal estar habituado a ir tôdas as tardes ali com a falecida madona, onde ela ia visitar a imagem da padroeira, por ela oferecida à igreja do dito convento que, segundo dizem, era uma bonita escultura, sua representativa.

Essa imagem gozou sempre de uma grande veneração de tôdas as duquezas que não só lhe ofereceram dádivas valiosas como se constituíram suas aias.

D. Luísa de Gusmão, quando se retirou para Lisboa em virtude do duque, seu marido, ter sido aclamado rei, deixou duas criadas no paço de Vila Viçosa com o encargo de tratarem desta imagem *com todo o carinho como se presente fosse*.

(Continua).

P.º ALBERTO GONÇALVES.

“Empresa das Malhas de Guimarães, Ltd.”

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 23 de Novembro do corrente mês e ano, lavrada pelo notário do concelho de Guimarães, Bacharel António José da Silva Basto Júnior, José Pedro da Costa Caldas, solteiro, maior, capitalista, morador na Praça de D. Afonso Henriques, desta cidade, cedeu aos seus consócios António Pimenta, casado, negociante, morador no lugar do Rio, freguesia da Costa, desta comarca, e Dr. Alberto Ribeiro de Faria, casado, médico, morador na Rua 31 de Janeiro, desta cidade, a sua quota de 40.000\$00, que tinha na sociedade comercial por quotas denominada «Empresa das Malhas de Guimarães, Ltd.», com sede nesta cidade, constituída por escritura de 30 de Março de 1933, lavrada pelo mesmo notário.

O preço da cessão da aludida quota foi de 30.000\$00, com todos os correspondentes direitos e obrigações.

Da mesma escritura consta que se acham liquidadas e saldadas tôdas as contas sociais entre o cedente e a referida empresa, da qual os cessionários são actualmente os únicos sócios.

Guimarães, 30 de Novembro de 1934.

O Notário,

António José da Silva Basto Júnior.

TERRENO

O melhor situado, junto do edificio dos novos Paços do Concelho em construção, com a superfície de 590m² vende-se.

Informa esta redacção.

Anuncial no «Notícias de Guimarães»

Oliveira & Silva, Sucessor

Praça D. Afonso Henriques

NOVIDADES EM

**Tecidos de lã para vestidos,
Panos para casacos,
Veludos, Peles e Lãs em fio.**

OS MELHORES PREÇOS

T

Execução esmerada
de todos os trabalhos.

M

Impressões em
côres e preto.

V

Encadernação.
Livraria editora.

Rua 31 de Janeiro, 133 -- GUIMARÃIS

RIBEIRO, FILHO

(ALFAIATE)

Convida os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que já recebeu para a próxima estação de inverno, que expõe na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

ATELIER DE DEBUXOS

DE

DOMINGOS ALVES

Covas — Guimarães

Executa, com a máxima regularidade, colchas e cobertores de damasco e algodão e toalhas em todos os estilos assim como debuxos para maquinas, etc.

“NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS,” vende-se

Em Lisboa: na Agência H. da Costa Lima — P. dos Restauradores, 13-3.º-D.

No Porto: nos quiosques: Suíço — R. Sampaio Bruno, 8; Camanho — R. Sá da Bandeira; Cristal — R. Sá da Bandeira.

Em Guimarães: no quiosque do Toural.

Para os nossos leitores

O número de Natal do «Notícias de Guimarães», sairá a 25 do cor-

rente, impresso a várias côres, profusamente ilustrado e com a colaboração de consagrados escritores. A tiragem para êsse número especial foi aumentada, devendo ser posto à venda com 20 páginas.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vime-ranenses.

Anuncial no «Notícias de Guimarães».

Boa aplicação de capital
Vende-se um prédio com dois andares, completamente restaurado, no Largo 13 de Fevereiro. Falar com Benjamin de Matos.

AMERICAN-BOSCH

Aparelho de telefonia sem fios de fácil sintonização, linhas modernas e elegantes, sem portas, mas completamente fechado.

São estas algumas das vantagens que oferece o AMERICAN-BOSCH.

O modelo 360-W. de 7 lâmpadas — equivalência de 11 lâmpadas — encerra os maiores aperfeiçoamentos em aparelhos de T. S. F.

O nome, já de si bem conhecido em todo o mundo, do AMERICAN-BOSCH, constitue uma garantia para aquêles que apreciam a verdadeira jóia da moderna engenharia de rádio.

Rádios Receptores de vários modelos, desde 1.100\$00 a 5.000\$00.

AGENTES EM GUIMARÃIS:

Gomes Alves, Matos & C.^a

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 68,
a quem podem ser pedidas demonstrações.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Jornal defensor dos interesses do Concelho
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Sociedade Martins Sarmiento

Ex.mo

Rua Paio Galvão

Guimarães